


# UMA LONGA QUEDA

"O melhor  
romance  
de Hornby  
até agora."  
*The Sunday  
Times*



Nick  
Hornby

  
COMPANHIA DAS LETRAS

NICK HORNBY  
Uma longa queda

*Tradução*  
Christian Schwartz



*Para Amanda*

*A cura para a infelicidade é a felicidade, não importa o que digam.*

Elizabeth McCracken  
*Niagara Falls All Over Again*

## PARTE 1

MARTIN

Se consigo explicar por que queria pular do alto de um prédio? Claro que consigo explicar por que queria pular do alto de um prédio. Não sou um completo idiota. Consigo explicar porque não tinha nada de inexplicável: foi uma decisão lógica, tomada após a devida reflexão. Nenhuma reflexão lá muito séria também. Não que tenha sido um capricho — só quis dizer que não foi nada terrivelmente complicado ou angustiante. Vamos imaginar o seguinte: digamos que o sujeito fosse, sei lá, o subgerente de um banco em Guildford. E que estivesse pensando em deixar o país, e aí recebesse uma proposta de trabalho pra assumir uma gerência em Sidney. Ora, mesmo sendo uma decisão bem fácil, o cara ainda assim daria uma pensadinha, não daria? No mínimo ia precisar refletir se suportaria uma mudança dessas, se conseguiria deixar pra trás amigos e colegas, se seria capaz de deslocar mulher e filhos para uma terra estrangeira. Talvez sentasse com um pedaço de papel pra fazer uma lista de prós e contras. Algo como: **CONTRAS** — *pais idosos, amigos, golfe.*

**PRÓS** — *mais dinheiro, melhor qualidade de vida (casa com piscina, churrascos etc.), mar, sol, nada de conselhos comunitários com tendências esquerdistas querendo banir canções de ninar politicamente incorretas, ou diretivas do Mercado Comum Europeu tentando proibir a venda de salsichas britânicas etc.*

Nem tem o que pensar, certo? Golfe! Dá um tempo. Pais idosos, claro, pedem um momento de ponderação, mas não mais do que isso — uma

paradinha pra refletir, e rápida. Em dez minutos o sujeito já estaria ao telefone falando com seu agente de viagens.

Pois esse cara era eu. Simplesmente não havia razões suficientes pra me arrepender, e havia um montão delas pra pular. A única coisa na minha lista de contras seriam as crianças, mas a Cindy não me deixaria vê-las de novo mesmo. Não tenho pais idosos nem jogo golfe. O suicídio era minha Sidney. E digo isso sem a menor intenção de ofender o simpático povo de Sidney.

MAUREEN

Eu disse a ele que ia a uma festa de Ano-Novo. Avisei em outubro. Não sei se as pessoas mandam convites para festas de Ano-Novo em outubro. Provavelmente não. (Como eu poderia saber? Desde 1984 não ia a uma festa de Ano-Novo. A June e o Brian, que moravam aqui em frente, fizeram uma pouco antes de se mudar. E, mesmo aquela vez, dei apenas uma passadinha, depois de ele já ter ido dormir, e só fiquei uma hora e pouco.) Mas eu não podia esperar mais. Andava pensando naquilo desde maio ou junho, e ficava me coçando para contar. Uma ideia idiota, na verdade. Ele não entende, tenho certeza que não. Me dizem para continuar falando, mas a gente percebe que nada entra ali. E logo o que foi me dar coceira de contar! Só mostra o tipo de coisa que eu tinha pela frente, não é mesmo?

No momento em que falava com ele, desejei sair dali direto para o confessionário. Ora, eu tinha mentido, não tinha? Tinha mentido para o meu próprio filho. Ah, só uma mentirinha boba: disse a ele, com meses de antecedência, que ia a uma festa, uma festa inventada. E planejei tudo direitinho. Falei de quem era a festa, e por que eu tinha sido convidada, e por que queria ir, e quem mais estaria lá. (A festa era da Bridgid, da Bridgid da igreja. E eu tinha sido convidada porque a irmã dela estava vindo de Cork, a irmã que escreveu perguntando por mim em uma ou duas cartas. E a razão de eu querer ir à festa era que a irmã da Bridgid tinha levado a sogra até Lourdes, e eu queria que ela me contasse tudo a respeito porque pretendia levar o Matty.) Mas a confissão não era possível, pois eu sabia que aquele pecado, a mentira, precisaria ser repetido e repetido até o final

do ano. E não apenas para o Matty, mas para o pessoal da clínica, e para... Bom, não tem mais ninguém, na verdade. Talvez alguém da igreja, ou com quem eu esbarrasse em alguma loja. Pensando bem, é quase cômico. Quando a gente passa dia e noite cuidando de um filho doente, as chances de pecar são muito pequenas, então nada que eu tivesse feito nos últimos não sei quantos anos era digno do confessor. E saí disso para um pecado tão terrível que nem conseguia contar ao padre, porque continuaria a pecar e pecar até o dia da minha morte, quando cometeria o maior de todos os pecados. (E por que esse é o maior de todos os pecados? A vida inteira nos dizem que, ao morrer, vamos para um lugar maravilhoso. E a única coisa que se pode fazer para chegar lá mais rápido é algo que fecha, definitivamente, as portas desse mesmo lugar para quem o faz. Ah, sim, entendo que é meio como furar a fila. Mas, se alguém fura a fila nos Correios, o pessoal chia. Ou, às vezes, alguém diz: “Desculpa, mas eu estava aqui antes”. Ninguém sai com um: “Você vai queimar no fogo do inferno por toda a eternidade”. Seria meio forte demais.) O que não me impedia de ir à igreja. Mas só continuei a ir porque, se parasse, o pessoal acharia que alguma coisa estava errada.

À medida que a data se aproximava, eu ia passando ao Matty umas informações soltas, como se tivesse acabado de ficar sabendo delas. Todo domingo fingia ter novidades, porque era aos domingos que encontrava a Bridgid. “A Bridgid falou que vai ter dança.” “A Bridgid está preocupada que nem todo mundo goste de vinho ou cerveja, então resolveu providenciar destilados também.” “A Bridgid não sabe quantos convidados já terão jantado quando chegarem.” Se o Matty fosse capaz de entender alguma coisa, acharia que a tal da Bridgid era uma lunática, encucada daquele jeito com uma festinha. Eu ficava vermelha toda vez que a encontrava na igreja. E, claro, queria saber o que, de fato, ela ia fazer no Ano-Novo, mas nunca perguntei. Ela podia acabar se sentindo obrigada a me convidar, caso estivesse mesmo planejando dar uma festa.

Fico envergonhada, pensando agora. Não pelas mentiras — já me acostumei a mentir, a esta altura. Não, me envergonho de como tudo

aquilo era patético. Certo domingo, me peguei contando ao Matty onde a Bridgid ia comprar o presunto para os sanduíches. Mas não me saía da cabeça, a noite do Ano-Novo, não saía, claro, e aquele era um jeito de falar sobre a ocasião sem dizer nada de fato. E passei eu mesma, acho, a acreditar um pouco na história da festa, daquele jeito como passamos a acreditar numa história lida num livro. De vez em quando imaginava que roupa usaria, o quanto beberia, a que horas iria embora. Se voltaria para casa de táxi. Esse tipo de coisa. No fim, foi como se tivesse ido de verdade. Mesmo na imaginação, porém, não conseguia me ver conversando com ninguém na festa. Ficava sempre bastante feliz de ir embora dali.

JESS

Eu estava numa festa lá embaixo, num apartamento invadido. Uma bosta de festa, cheia de uns velhos rabugentos sentados no chão bebendo sidra e fumando uns baseados enormes e escutando um reggae viajandão esquisito. À meia-noite, um deles bateu palmas, sarcástico, outros deram risada, e foi isso — feliz Ano-Novo pra vocês também. Você podia ser a pessoa mais feliz de Londres e, chegando numa festa dessas, ainda assim ia ter vontade de pular do terraço à meia-noite e cinco. Mas eu não era a pessoa mais feliz de Londres. Claro.

Só fui porque alguém da faculdade tinha me dito que o Chas ia estar lá, mas ele não estava. Tentei ligar no celular pela zilionésima vez, mas ele tinha desligado. Logo que a gente terminou, ele me chamou de *stalker*, mas essa palavra exige uma intensidade emocional, né? Não acho que se possa dizer que alguém está te perseguindo quando nada aconteceu além de telefonemas, cartas, e-mails e algumas batidas na porta. E só apareci no trabalho dele duas vezes. Três, se contar a festa de Natal, que pra mim não conta, porque, enfim, o Chas tinha me convidado pra ir com ele nessa festa. Um *stalker* é alguém que vai atrás da pessoa numa loja ou nas férias dela, né? Bom, nunca cheguei nem perto de loja nenhuma. E, também, não acho que seja um caso de *stalker* se a pessoa te deve uma explicação. Alguém te devendo uma explicação é como alguém te devendo grana, e bem mais do que cinco pilas, aliás. Estaria mais pra quinhentos ou

seiscentos mangos, no mínimo. Se alguém estivesse te devendo no mínimo quinhentos ou seiscentos mangos, e essa pessoa andasse te evitando, você ia acabar batendo na porta dela tarde da noite, quando sabe que ela vai estar em casa. As pessoas levam a sério uma grana dessas. Acionam cobradores e quebram as pernas das outras, mas nunca cheguei a tanto. Mostrei que tenho algum controle.

Então, mesmo vendo de cara que ele não estava na festa, fiquei por ali um pouco. Aonde mais podia ir? Estava me sentindo mal por mim mesma. Como é que pode alguém ter dezoito anos e nenhum lugar pra ir na noite de Ano-Novo além de uma bosta de festa numa bosta de apartamento invadido onde você não conhece ninguém? Mas foi isso que tive a manha de fazer, que pareço ter a manha de fazer todo ano. Faço novos amigos com facilidade, mas aí deixo eles putos, e disso já me toquei, só não sei bem como ou por que isso acontece. E é quando desaparecem as pessoas e as festas.

Deixei a Jen puta, tenho certeza. Ela desapareceu, como todo mundo.

MARTIN

Eu tinha passado os meses anteriores dando uma olhada em matérias sobre suicídio na internet, só por curiosidade. E em quase todos os casos o legista dizia: “Ele tirou a própria vida num momento de perturbação do equilíbrio mental”. Aí vinha a história do pobre infeliz: a mulher indo pra cama com o melhor amigo, o sujeito que perdia o emprego, a filha morta num acidente de carro meses antes... Acorda, sr. Legista! Sinto muito, amigo, mas não tem nada de perturbação do equilíbrio mental aí. Eu diria que o suicida simplesmente fez o que devia fazer. Desgraça em cima de desgraça em cima de desgraça até não aguentar mais, então o cara pega a perua da família e vai até o estacionamento da loja de departamentos mais próxima com uma mangueira de borracha de boa extensão. Nada mais justo, certo? Será que o relato do legista não deveria conter algo como: “Ele tirou a própria vida depois de refletir sóbria e cuidadosamente sobre a merda que tal vida tinha se tornado”?

Nem uma única vez li numa dessas matérias algo que me convencesse de que o sujeito estava fora do ar. Como: “O atacante do Manchester United, que estava noivo da atual miss Suécia, recentemente conquistara uma inédita dobradinha: é o único, até hoje, a ter levado a Copa da Inglaterra e o Oscar de melhor ator num mesmo ano. Os direitos de filmagem de seu primeiro romance haviam acabado de ser vendidos, por soma não revelada, a Steven Spielberg. Ele foi encontrado por um dos empregados pendendo de uma viga do teto num dos estábulos de sua propriedade”. Ora, nunca vi um relato do tipo, mas, se existissem casos de gente feliz, bem-sucedida e talentosa que tira a própria vida, certamente se poderia deduzir que o equilíbrio, ali, andava mesmo perturbado. E não estou dizendo que jogar pelo Manchester United, estar noivo da miss Suécia e ganhar um Oscar sejam vacinas contra a depressão — tenho certeza de que não são. Só estou dizendo que essas coisas ajudam. Deem uma olhada nas estatísticas. A pessoa tem mais chances de dar cabo de si mesma se tiver acabado de se divorciar. Ou se for anoréxica. Ou se estiver desempregada. Ou se viver de prostituição. Ou se tiver lutado numa guerra, ou sido estuprada, ou perdido alguém... São muitos e muitos os fatores que levam à beira do precipício; é improvável que algum deles faça a pessoa se sentir outra coisa que não fodida e infeliz.

Dois anos atrás, Martin Sharp não se encontraria sentado sobre um minúsculo parapeito no meio da noite, olhando pra calçada de concreto mais de trinta metros abaixo, pensando se daria pra escutar o ruído de seus ossos se quebrando em pedacinhos. Mas Martin Sharp era uma pessoa diferente dois anos atrás. Eu ainda tinha um emprego. Ainda tinha uma mulher. Não tinha ido pra cama com uma menina de quinze anos. Não tinha estado na prisão. Não tinha sido obrigado a conversar com minhas filhas pequenas sobre uma matéria na primeira página de um tabloide com a palavra CANALHA! como manchete, que vinha ilustrada por uma foto minha largado na calçada em frente a uma conhecida boate londrina. (Como seria a manchete se eu tivesse partido pra sempre? A ÚLTIMA DO CANALHA!, talvez. Ou, quem sabe, FIM DE CASO!) É justo dizer que, antes

disso tudo acontecer, havia menos motivos pra eu estar sentado sobre um minúsculo parapeito. Então não venham me dizer que meu equilíbrio mental estava perturbado, porque não era assim que eu me sentia. (E, também, o que tem a ver esse troço de “equilíbrio mental”? É algo rigorosamente científico? A mente de fato se dobra de cima a baixo feito escama de peixe conforme a viagem que acontece na cabeça do sujeito?) Querer me matar era a reação adequada e razoável pra toda uma série de eventos desafortunados que tinha tornado minha vida insuportável. Ah, pois é, sei que os psicólogos vão dizer que podiam ter ajudado, mas é aí que nasce a metade dos problemas deste país, certo? Ninguém quer encarar suas responsabilidades. É sempre culpa dos outros. Buá, buá, buá. Pois sou um desses raros indivíduos que acreditam que o que rolou entre minha mãe e meu pai não tem nada a ver com eu ter trepado com uma menina de quinze anos. Acho, aliás, que teria ido pra cama com ela independentemente de ter sido amamentado no peito ou não, e já era tempo de encarar as consequências do que eu tinha feito.

Caguei minha vida, foi isso que eu fiz. Literalmente. Bom, não *literalmente*. Não que, sabem, eu tivesse transformado minha vida em fezes que acumulei no intestino, e assim por diante. Mas sentia como se tivesse cagado minha vida, do mesmo jeito que é possível cagar com dinheiro. Eu antes tive uma vida, repleta de filhos, esposas, empregos e toda essa coisa normal, e aí, não sei como, perdi a direção. Não, vejam bem, não foi exatamente assim. Eu sabia pra onde estava conduzindo minha vida, assim como a gente sabe pra onde está indo o dinheiro quando caga com ele. Não tinha perdido a direção coisa nenhuma. Tinha jogado fora. Jogado fora minhas filhas, meu emprego e minha esposa, tudo em troca de boates e meninas adolescentes. Essas coisas têm um preço, que alegremente paguei, e de repente minha vida não existia mais. O que eu estaria deixando pra trás? Na noite de Ano-Novo, a sensação era de estar dando adeus a uma forma difusa de consciência e a um sistema digestivo que funcionava apenas parcialmente — sinais de vida, certo, mas nada com

conteúdo. Eu nem mesmo me sentia particularmente triste. Me sentia apenas um tremendo idiota, e muito puto.

Não é porque subitamente tive uma luz que continuo por aqui. A razão pra eu continuar nesta vida é que aquela noite acabou se tornando uma confusão tão grande quanto todo o resto. Consegui foder com tudo até quando resolvi pular do alto de uma porra de um prédio.

MAUREEN

Na noite de Ano-Novo, a clínica mandou a ambulância buscá-lo. Tinha que pagar um extra por isso, mas não liguei. E como poderia? No fim, o Matty ia custar a eles mais do que eu estava pagando. Eu só ia ter que pagar por uma noite, mas, enquanto ele vivesse, a clínica teria que arcar com os custos.

Pensei em esconder algumas das coisas do Matty, talvez estranhassem aqueles objetos, mas ninguém precisava saber que eram dele. Afinal, não podiam saber que eu não tinha uma penca de filhos, então deixei tudo lá. Chegaram em torno das seis, dois jovens que o levaram na cadeira de rodas. Nem pude chorar quando ele foi embora, porque senão os rapazes perceberiam que tinha algo errado; na cabeça deles, eu passaria para pegar o Matty às onze da manhã seguinte. Apenas dei-lhe um beijo no cocuruto, disse que se comportasse na clínica e me segurei até que tivessem partido. Então chorei e chorei, durante mais ou menos uma hora. Matty tinha arruinado minha vida, mas ainda assim era meu filho e não consegui me despedir direito. Vi um pouco de tevê e até bebi umas tacinhas de xerez, pois sabia que estaria frio lá fora.

Esperei dez minutos no ponto do ônibus, mas então decidi ir caminhando. Quando a gente sabe que quer morrer, fica um pouco menos assustada. Eu nem sonharia em sair andando o caminho todo tarde da noite, especialmente com as ruas cheias de bêbados, mas o que importava àquela altura? Embora, claro, eu agora me pegasse preocupada imaginando que poderia ser atacada sem que me matassem — abandonada como morta sem, porém, estar. Porque aí seria levada para o hospital e me identificariam e descobririam sobre o Matty, e todos aqueles meses de

planejamento teriam sido uma completa perda de tempo, eu estaria devendo milhares de libras para a clínica quando tivesse alta, e de onde tiraria um dinheiro desses? Mas ninguém me atacou. Algumas pessoas me desejaram Feliz Ano-Novo, nada mais. Não tem muita coisa que se precise temer por aí. Lembro de ter pensado como era engraçado descobrir isso naquele momento, a última noite da minha vida; até ali, tinha passado o tempo todo com medo de tudo.

Era a primeira vez que eu entrava no Toppers' House. Tinha só passado por ali, uma ou duas vezes, de ônibus. Nem estava muito certa se era possível entrar e subir até o terraço, mas encontrei a porta aberta e simplesmente fui indo pelas escadas até não ter mais para onde subir. Não sei por que não havia me ocorrido que não era só chegar lá e pular a hora que bem entendesse, mas me dei conta, quando vi a situação, de que não iam permitir que fosse fácil assim. Tinham colocado uma cerca de arame e, bem lá no alto, estacas pontiagudas curvadas para dentro... bom, foi aí que comecei a entrar em pânico. Não sou alta nem muito forte, também não sou mais tão jovem. Não conseguia pensar num jeito de passar por cima daquela proteção toda, e tinha que ser naquela noite que o Matty ficaria na clínica e tudo mais. Então passei a enumerar as outras opções, e nenhuma delas era muito boa. Não queria fazer aquilo na sala de casa, onde alguém conhecido encontraria meu corpo. Queria que um estranho me descobrisse. E não queria pular na frente de um trem, pois tinha visto um programa na tevê sobre os coitados dos condutores e como os suicídios os deprimem. E não tinha um carro, então não podia dirigir até algum lugar quieto e inalar a fumaça do escapamento...

Foi quando avistei o Martin, exatamente do lado oposto do terraço. Me recolhi a uma sombra e fiquei espiando. Dava para perceber que ele havia preparado tudo direitinho: tinha levado uma escadinha portátil e um alicate para cortar o arame, e foi assim que conseguiu escalar até o topo. E lá estava ele, sentado no parapeito, os pés balançando, olhando para baixo e dando uns tragos de uma garrafinha metálica de uísque, fumando, pensativo, enquanto eu esperava. E ele fumou e fumou, e eu esperei e

esperei um pouco mais, até que não pude mais esperar. A escadinha podia ser do Martin, mas eu precisava dela. Logo não teria muita utilidade para ele.

Jamais fiz menção de empurrá-lo para baixo. Não sou durona a esse ponto, empurrar um homem-feito do parapeito de um prédio. E nem tentaria também. Não seria direito; era ele quem tinha de decidir se pulava ou não. O que fiz foi subir na escadinha, passar minha mão pelo vão do arame e tocá-lo no ombro. Só queria perguntar se ia demorar muito.

JESS

Quando cheguei no apartamento invadido, nem tinha a intenção de subir pro terraço. Na boa. Tinha esquecido a fama toda do Toppers' House até começar a conversar com um cara lá. Acho que ele estava a fim de mim, o que não quer dizer muita coisa, considerando que, ali, eu era praticamente a única representante do sexo feminino com menos de trinta anos que conseguia parar em pé. Ele me deu um cigarro e disse que seu nome era Pipeta, e, quando perguntei por que se chamava assim, o cara contou que era porque sempre fumava maconha nesse troço, um tipo de cachimbo. Falei: Quer dizer que todo o resto do pessoal aqui se chama Baseado? Mas ele, tipo, foi explicando, Não, aquele ali é o Mike Maluco. E aquele outro é o Poça. E o outro lá é o Nicky Esterco. E assim por diante, até ter apresentado todo mundo que estava na sala.

Mas os dez minutos que passei conversando com o Pipeta fizeram história. Bom, não aquele tipo de história tipo 55 a.C. ou 1939. Não história histórica, a menos que um de nós tivesse inventado uma máquina do tempo ou impedido a Inglaterra de ser atacada pela Al-Qaeda ou algo assim. Mas sabe lá o que aconteceria com a gente se o Pipeta não tivesse ficado a fim de mim. Porque, antes de ele chegar pra puxar papo, eu já estava tomando o rumo de casa, e a Maureen e o Martin estariam mortos agora, provavelmente, e... bom, tudo teria sido diferente.

Quando o Pipeta terminou a lista de apresentações, olhou pra mim e disse: Você não tá pensando em subir pro terraço, né? Eu pensei: Não com você, seu chapado. E ele: Porque dá pra ver nos seus olhos a dor e o

desespero. Eu já estava mais pra lá do que pra cá àquela altura, então, pensando agora, acho que o que ele estava vendo nos meus olhos eram sete garrafinhas de Bacardi Breezers e duas latas de Special Brew. Respondi simplesmente, Ah, sério? E ele: É, sabe, me deixaram encarregado da prevenção dos suicídios, fico de olho em pessoas que vêm aqui só pra ir lá pra cima. E eu falei, tipo, O que é que tem lá em cima? Ele riu e disse: Você tá zoando, né? Aqui é o Toppers' House. O lugar onde o pessoal vem pra se matar. E eu nunca teria pensado nisso se ele não tivesse falado. De repente tudo fez sentido. Porque, ainda que eu já estivesse de saída, não tinha a menor ideia do que fazer quando chegasse em casa, e não conseguia nem imaginar o que seria acordar na manhã seguinte. Eu queria o Chas e ele não me queria, e de repente saquei que a melhor coisa que podia fazer era encurtar minha vida o máximo possível. Quase comecei a rir, era tão óbvio: queria encurtar a vida e estava numa festa no Toppers' House, coincidência demais. Feito uma mensagem dos céus. Tá, era decepcionante que tudo o que Deus tinha pra dizer fosse, tipo, pule do terraço, mas não era culpa Dele. Dizer o que mais?

Pude sentir, ali, o peso de todas as coisas — o peso da solidão, de tudo que tinha dado errado. Senti que era um ato heroico subir aqueles derradeiros lances de escada do prédio, arrastando comigo aquele peso todo. Pular parecia o único jeito de me livrar dele, o único jeito de fazer o peso funcionar a meu favor em vez de contra mim; eu me sentia tão pesada que sabia que num instante chegaria ao chão. Bateria o recorde mundial de salto de prédio.

MARTIN

Se ela não tivesse tentado me matar, eu estaria morto, sem dúvida. Mas todo mundo tem um instinto de preservação, certo? Mesmo que seja pra dar as caras quando a gente está tentando se matar. Só sei que senti aquele empurrãozinho nas costas, então me virei, agarrei na proteção e comecei a gritar. Àquela altura já estava bêbado. Fazia um tempo que estava ali, bebericando da velha garrafinha metálica, e já tinha saído de casa de cara cheia. (Eu sei, eu sei, não devia ter dirigido. Mas não ia carregar a porra da

escadinha num ônibus.) Então, certo, é provável que eu tenha perdido as estribeiras e dito algumas coisas. Se soubesse que era a Maureen, e conhecesse o jeito dela, provavelmente teria maneirado um pouco no tom, mas não fiz isso; acho até que usei aquela palavrinha com “p”, mas depois pedi desculpas. É preciso reconhecer que aquela era uma situação peculiar.

Levantei e dei meia-volta com cuidado, porque não queria cair lá embaixo até ter resolvido que queria, então comecei a berrar com ela, que só me encarava.

“Eu te conheço”, ela falou.

“De onde?” Eu estava meio lesado. As pessoas me abordam em restaurantes, lojas, teatros, estacionamentos e mictórios na Inglaterra inteira com a frase “Eu te conheço”, e o que querem dizer é, invariavelmente, o contrário; querem dizer: “Não te conheço. Mas te vi na tevê”. E querem um autógrafo, ou conversar sobre como é a Penny Chambers na vida real. Mas, naquela noite, eu simplesmente não esperava que acontecesse. Aquela coisa toda, aquele lado da vida, parecia meio sem sentido.

“Da televisão.”

“Ah, pelo amor de Deus. Estava aqui prestes a me matar, mas não tem problema, sempre há tempo pra um autógrafo. Tem uma caneta aí? Ou um pedaço de papel? E, antes que você pergunte, ela é uma perfeita de uma vagabunda que cheira o que aparecer pela frente e dá pra qualquer um. Mas o que mesmo você está fazendo aqui?”

“Eu ia... ia pular também. Queria sua escada emprestada.”

É a isso que tudo se resume: escadas. Bom, não literalmente; a paz no Oriente Médio não se resume a escadas, tampouco o mercado financeiro. Mas uma coisa que aprendi com os entrevistados do meu programa é que se pode reduzir os assuntos mais complexos a suas menores partes, como se a vida fosse a miniatura de algo que a gente monta. Escutei de um líder religioso que sua fé podia ser atribuída a ter sido flagrado no depósito de uma casa (ele acabou preso por uma noite quando jovem, e Deus o guiou

na escuridão); ouvi um refém contar que sobreviveu porque seus sequestradores ficaram fascinados com a carteirinha de descontos pra famílias do zoológico de Londres que ele guardava na carteira. A gente quer falar de grandes temas, mas são os flagrantes nos depósitos e as carteirinhas de desconto do zoológico de Londres que rendem audiência; sem isso, não saberia nem por onde começar. Pelo menos se o programa for *Bom dia com Penny e Martin*, enfim. A Maureen e eu não podíamos conversar sobre por que estávamos tão infelizes a ponto de querer que nossos cérebros virassem milk-shake do McDonald's espalhado na calçada lá embaixo, então, em vez disso, falamos da escada.

“Fique à vontade.”

“Vou esperar até... Bom, vou esperar.”

“Quer dizer que vai ficar aí parada, só assistindo?”

“Não. Claro que não. Você quer fazer isso sozinho, imagino.”

“Imaginou certo.”

“Vou pra lá.” Ela apontou o outro lado do terraço.

“Dou um grito quando estiver caindo.”

Eu ri, mas ela não.

“Ah, vai. Essa foi boa. Considerando as circunstâncias.”

“Acho que não estou no clima, sr. Sharp.”

Não acho que estivesse tentando ser engraçada, mas o que ela falou me fez rir ainda mais. A Maureen foi pro outro lado e sentou encostada na amurada oposta do terraço. Dei meia-volta e sentei outra vez no parapeito. Mas não conseguia me concentrar. O momento tinha passado. Vocês provavelmente estão pensando: que concentração é essa de que um cara precisa pra pular do topo de um prédio? Pois ficariam surpresos ao descobrir. Antes da Maureen chegar, eu estava no ponto; me jogar seria fácil. Estava completamente focado nas razões pelas quais tinha subido ali, pra começar; compreendia com terrível clareza a impossibilidade de retomar minha vida lá embaixo. Mas a conversa com ela me distraiu, me atirou de volta ao mundo, ao frio, ao vento e ao ruído grave e pulsante que vinha de sete andares abaixo. Eu não conseguia voltar ao estado anterior;

foi como se uma das crianças tivesse acordado bem quando a Cindy e eu começávamos a fazer amor. Não tinha mudado de ideia e sabia que ainda teria de fazer aquilo em algum momento. Só que também sabia que, nos cinco minutos seguintes, não conseguiria fazer.

Gritei pra Maureen.

“Ei! Quer ir na minha vez? Ver como é que você se sai?” E dei outra risada. Eu participava de uma esquete humorística, era o que sentia, suficientemente bêbado — e suficientemente lesado, penso — pra achar que qualquer coisa que dissesse soaria hilariante.

A Maureen saiu da sombra e se aproximou cautelosamente do buraco na cerca de arame.

“Quero ficar sozinha também”, falou.

“Você vai ficar. Tem vinte minutos. Depois quero meu lugar.”

“Como é que você vai voltar pra cá?”

Não tinha pensado nisso. A escadinha de fato só servia pra descer até o parapeito: ali, do lado da cerca de proteção onde eu estava, não havia espaço pra abri-la.

“Você vai ter que segurar pra mim.”

“Como assim?”

“Passa pra cá por cima da cerca. Vou apoiar bem na proteção. Você segura firme desse lado aí.”

“Nunca vou conseguir manter a escada firme. Você é muito pesado.”

E ela era leve demais. Era pequena, não pesava nada; me perguntei se não estava a fim de se matar por não querer morrer uma morte longa e dolorosa de alguma doença.

“Então você vai ser obrigada a aguentar minha companhia.”

E, também, eu não tinha muita certeza se queria escalar de volta pro outro lado. A cerca de proteção demarcava uma fronteira, agora: o terraço levava às escadas, e as escadas à rua, e a rua à Cindy e às crianças, e à Danielle e ao pai dela, e a tudo o que tinha me impulsionado ali pra cima feito um pacote de salgadinho numa lufada de vento. O parapeito dava uma sensação de segurança. Ali não havia humilhação nem vergonha —

pra além da humilhação e da vergonha já esperadas por estar sentado, sozinho, na noite de Ano-Novo, no parapeito de um prédio.

“Não dá pra você contornar a beirada até o outro lado do terraço?”

“Por que você não faz isso? A escada é minha.”

“Você não está sendo muito cavalheiro.”

“Não, não sou mesmo a porra de um cavalheiro. Essa é uma das razões pra eu estar aqui, na verdade. Você não lê os jornais?”

“Dou uma olhada no noticiário local, de vez em quando.”

“Então o que você sabe a meu respeito?”

“Que você tinha um programa na tevê.”

“Só isso?”

“Acho que sim.” Ela pensou por um momento. “Você foi casado com alguém do ABBA?”

“Não.”

“Ou com alguma outra cantora?”

“Não.”

“Ah. E você gosta de cogumelos, isso eu sei.”

“Cogumelos?”

“Você falou. Eu lembro. Um desses chefs foi no programa e te deu um negócio pra provar, e você falou: ‘Huum! Amo cogumelos. Sou capaz de passar um dia inteiro comendo isso’. Era você nesse programa?”

“Pode ser. Mas é só isso que você é capaz de desencavar da memória?”

“Só.”

“Então por que acha que quero me matar?”

“Não faço ideia.”

“Você está me sacaneando.”

“Será que dá pra você manear a língua? Está sendo grosseiro.”

“Desculpe.”

Mas não dava pra acreditar. Não dava pra acreditar que tinha encontrado alguém que não sabia. Antes de ir pra cadeia, era comum eu acordar de manhã e a escória dos tabloides já estar de plantão na minha porta. Tive reuniões de gerenciamento de crise com agentes, gerentes e

executivos da tevê. Parecia impossível que existisse, na Inglaterra, alguém que não estivesse interessado no que eu tinha feito, principalmente porque eu vivia num mundo em que, aparentemente, essa era a única coisa que importava. Talvez a Maureen vivesse naquele terraço, pensei. Ali não seria difícil perder contato com o mundo.

“E esse cinto aí?” Ela apontou com o queixo pra minha cintura. Do ponto de vista da Maureen, aqueles eram seus últimos momentos neste mundo. Ela não queria gastá-los falando da minha paixão por cogumelos (uma paixão que, desconfio, pode ter sido inventada só porque eu estava em frente às câmeras). Ela queria fazer a coisa andar.

“Que é que tem?”

“Tire o cinto e passe em torno da escada. Aí prenda do seu lado da cerca.”

Entendi a ideia dela e vi que ia funcionar. Nos minutos seguintes, trabalhamos num silêncio solidário; ela me passou a escada por cima da cerca, eu tirei meu cinto, passeio-o em torno da escada e da própria cerca, prenda bem, afivelei e dei uma sacudidela pra ver se o conjunto estava seguro. Não queria morrer caindo de costas, não mesmo. Escalei pro outro lado, desafivelamos o cinto, colocamos a escada de volta no lugar.

E eu já estava pronto pra deixar a Maureen pular em paz quando apareceu aquela porra daquela lunática correndo, aos berros, na nossa direção.

JESS

Eu não devia ter feito barulho. Foi esse o meu erro. Erro se a ideia era me matar, enfim. Podia ter, rápida e calmamente, em silêncio, caminhado até onde estava a escadinha, na parte do arame cortada pelo Martin, e simplesmente pulado. Mas não. Berrei, tipo, Saiam da frente, seus cretinos!, e em seguida o grito de guerra dos peles-vermelhas, como se tudo fosse uma brincadeira — e pra mim, a certa altura, era mesmo —, e o Martin me derrubou com um lance de rúgbi antes que eu chegasse na metade do caminho. Aí ele, tipo, me prendeu com o joelho e segurou meu

rosto contra o chão, essa espécie de imitação de asfalto que colocam no topo dos prédios. E foi quando eu desejei mesmo estar morta.

Não sabia que era o Martin. Não cheguei a ver nada, na verdade, até o momento em que ele já esfregava meu nariz no chão sujo, e aí só enxerguei sujeira. Mas sabia o que aqueles dois estavam fazendo no terraço na hora que cheguei lá. Nem precisava ser, tipo, um gênio pra sacar a situação. Então, com ele ainda em cima de mim, falei, Por que vocês dois podem se matar e eu não? E ele: Porque você é muito jovem. A gente já fodeu com as nossas vidas. Você ainda não. E respondi: Como é que você sabe? E ele falou: Ninguém já está com a vida fodida na sua idade. E eu, tipo, E se eu já tiver matado dez pessoas? Incluindo meus pais e, sei lá, meus bebês gêmeos? E ele: Certo. Você matou? E eu disse: Matei. (Mesmo não tendo feito isso. Só queria ver o que ele ia dizer.) E ele: Bom, se você está aqui, é porque se safou dessa, certo? Se eu fosse você, estaria embarcando num avião pro Brasil. Eu falei: E se eu quiser pagar com a vida pelo que fiz? E aí ele disse: Cala a boca.

MARTIN

A primeira coisa que pensei, depois de ter feito a Jess se estatelar comigo no chão, foi que não queria que a Maureen escapulisse pra se atirar sozinha. Nada a ver com tentar salvar a vida dela; é só que teria me deixado puto ela aproveitar minha distração pra pular. Ah, nada disso faz muito sentido; dois minutos antes, eu estava praticamente levando ela pela mão pra beirada. Mas não entendia por que devia me responsabilizar pela Jess e ela não, tampouco por que devia ser ela a usar a escada que eu tinha carregado até lá em cima. Ou seja, minhas razões eram essencialmente egoístas; nada de novo nisso, diria a Cindy.

Passada minha conversa idiota com a Jess sobre o monte de pessoas que ela tinha matado, gritei pra Maureen vir me ajudar. Ela parecia apavorada, e foi se arrastando até onde estávamos.

“Anda logo, caramba.”

“O que você quer que eu faça?”

“Senta em cima dela.”

A Maureen sentou sobre a bunda da Jess, e mantive os braços seguros ajoelhado sobre eles.

“Me solta, seu velho tarado filho da mãe. Tá aproveitando pra tirar uma casquinha, né?”

Bom, claro que essa doeu um pouco, considerando os eventos recentes. Até pensei que a Jess talvez soubesse quem eu era, mas nem eu sou tão paranoico. Uma pessoa derrubada com um lance de rúgbi no meio da noite, bem quando estava prestes a se atirar do alto de um prédio, provavelmente não teria na cabeça, nesse momento, um apresentador de programa matinal de tevê. (O que, pros apresentadores de programas matinais de tevê, deve ser chocante descobrir — a maioria acredita resolutamente que as pessoas só pensam em termos de programa da manhã, programa do almoço e programa do jantar.) Tive maturidade suficiente pra me colocar acima das alfinetadas da Jess, mesmo louco pra quebrar os braços dela.

“Se a gente te soltar, você vai se comportar?”

“Vou.”

Então a Maureen ficou de pé e, como era monotonamente previsível, a Jess saiu desabalada em direção à escadinha e precisei fazer com que ela se estatelasse no chão outra vez.

“E agora?”, a Maureen perguntou, como se eu fosse um veterano de situações daquele tipo e, tendo enfrentado um sem-número delas, manjasse tudo ali.

“Sei lá, caramba.”

Não faço ideia de por que não ocorreu a nenhum de nós que ir a um bem conhecido local de suicídios na noite de Ano-Novo seria como passar a data em Piccadilly Circus, mas tinha acabado por aceitar, àquela altura dos acontecimentos, a realidade da nossa situação: estávamos em vias de transformar um momento solene e íntimo numa farsa estrelada por milhares.

E, nesse exato momento, de três passamos a ser quatro. Uma tossidinha por educação e, quando nos viramos pra olhar, vimos um cara alto, bem

apanhando, cabelo comprido, talvez uns dez anos mais novo que eu, capacete debaixo de um braço, um daqueles recipientes térmicos grandes debaixo do outro.

“Alguém pediu pizza?”

MAUREEN

Nunca tinha conhecido um americano, acho. Também não tinha bem certeza de que ele fosse um até que os outros disseram. A gente não espera ver americanos entregando pizza, não é verdade? Bom, eu não, mas talvez simplesmente esteja por fora. Não costumo pedir pizza, mas, todas as vezes que pedi, a entrega foi feita por uma pessoa que não falava inglês. Americanos não trabalham de entregadores, não é mesmo? Nem como vendedores em lojas ou cobradores de ônibus. Acho que devem fazer isso nos Estados Unidos, mas não aqui. Indianos e caribenhos, um monte de australianos no hospital onde levo o Matty, mas americanos não. Portanto, de início pensamos, provavelmente, que ele fosse meio maluco. Era a única explicação. E parecia mesmo, com aquele cabelo. E achando que tivéssemos pedido pizza no terraço do Toppers' House.

“Como é que a gente teria pedido pizza daqui?”, a Jess perguntou ao rapaz. Ainda estávamos em cima dela, o que fazia sua voz sair engraçada.

“Do celu”, ele disse.

“Que celu?”, a Jess perguntou.

“Do celular, enfim.”

Ele estava certo. A gente podia ter feito isso.

“Você é americano?”, a Jess quis saber.

“Pode crer.”

“E o que é que está fazendo entregando pizza?”

“O que é que vocês estão fazendo em cima dela?”

“Eles estão em cima de mim porque isto aqui não é um país livre”, a Jess respondeu. “A gente não pode fazer o que quer.”

“E o que é que você queria fazer?”

Ela não disse nada.

“Ela ia pular daqui”, o Martin respondeu.

“E você também!”

Ele a ignorou.

“Todo mundo aqui ia pular?”, o rapaz da pizza nos perguntou.

Não dissemos nada.

“Se fu...”, o rapaz disse.

“Se fu...?”, a Jess falou. “Que é isso, ‘Se fu...?’”

“É uma abreviação dos americanos”, o Martin explicou. ‘Se fu...’ é ‘Vai se foder!’. Nos Estados Unidos, o pessoal é tão ocupado que nem se dá ao trabalho de dizer tudo.”

“Será que dá pra manear nos palavrões, por favor?”, eu disse a eles. “Nem todo mundo aqui foi criado num chiqueiro.”

O rapaz da pizza simplesmente sentou no chão e ficou balançando a cabeça. Pensei que estava se sentido mal pela gente, só que mais tarde ele nos contou que não era nada disso.

“Tá”, falou, depois de um tempo. “Larga ela.”

Não nos movemos do lugar.

“Ei, você. Não tá me ouvindo, p...? Vou ter que ir até aí pra te fazer ouvir?” Ele levantou e veio andando até onde estávamos.

“Acho que ela está legal agora, Maureen”, o Martin disse, como se tivesse decidido por conta própria que ia se levantar, e não porque o americano talvez lhe desse um soco. O Martin ficou de pé, eu fiquei de pé e a Jess, com muitos palavrões, ficou de pé e deu umas batidas na roupa. Então ela encarou o Martin.

“Você é aquele cara”, falou. “O cara do programa matinal de tevê. O que foi pra cama com uma menina de quinze anos. Martin Sharp. C...! Martin Sharp estava em cima de mim. Seu velho tarado!”

Bom, claro que eu não sabia nada de nenhuma menina de quinze anos. Não leio esse tipo de jornal, só na cabeleireira, ou quando alguém deixa um exemplar no ônibus.

“Tá de sacanagem”, disse o rapaz da pizza. “O cara que foi pra cadeia? Li sobre ele.”

O Martin soltou um gemido. “Está todo mundo sabendo nos Estados Unidos também?”, ele perguntou.

“Claro”, respondeu o rapaz da pizza. “Li a história no *New York Times*.”

“Ah, meu Deus”, falou o Martin, mas dava para sentir que tinha gostado de saber.

“Tô te sacaneando”, disse o rapaz da pizza. “Você apresentava um programa matinal na Inglaterra. Ninguém te conhece nos Estados Unidos. Cai na real.”

“Dá uma pizza pra gente, então”, falou a Jess. “Quais sabores tem aí?”

“Não sei”, falou o rapaz da pizza.

“Deixa eu dar uma olhada, então”, a Jess disse.

“Não é isso, é que... Elas não são minhas, saca?”

“Ah, deixa de ser bundão”, a Jess respondeu. (Sério. Foi isso que ela disse. Não sei por quê.) Ela se adiantou, pegou o recipiente térmico dele e tirou as pizzas de dentro. Então abriu as caixas e começou a fuçar.

“Essa é de pepperoni. Mas essa aqui, não sei. Vegetais.”

“Vegetariana”, falou o rapaz da pizza.

“Que seja”, disse a Jess. “Quem quer o quê?”

Pedi a vegetariana. A de pepperoni talvez não me caísse bem.

JJ

Contei pra umas pessoas aí sobre aquela noite, e o que é engraçado é que elas sacam a parte do suicídio, mas não a parte da pizza. A maioria das pessoas saca isso de se suicidar, acho; a maioria, mesmo que a coisa esteja escondidinha bem lá no fundo em algum lugar, lembra de um momento da vida em que pensou se queria mesmo acordar no dia seguinte. Querer morrer parece que talvez seja meio que parte de estar vivo. Aí, enfim, conto pras pessoas a história da noite de Ano-Novo e ninguém reage dizendo, tipo, “O quêêêêê? Se matar?”. É mais, saca, “Ah, tá certo, sua banda tinha ido pro saco, fim da linha pra sua música, que era tudo o que você queria fazer na vida, e AINDA POR CIMA terminou com a namorada, única razão pra estar nesta porra de país, pra começo de conversa... Claro,

posso entender por que você tinha subido lá”. Mas aí, tipo, no minuto seguinte, o que o pessoal quer saber é como é que um cara como eu trabalhava entregando a porra daquelas pizzas.

Tá, vocês não me conhecem, então vão ter que acreditar em mim quando digo que não sou idiota. Leio qualquer porra de livro que me caia nas mãos. Gosto de Faulkner, Dickens, Vonnegut, Brendan Behan e Dylan Thomas. No começo daquela semana — no dia de Natal, mais precisamente — tinha terminado *Foi apenas um sonho*, do Richard Yates, que é um romance totalmente incrível. Na verdade eu ia pular com um exemplar — não só porque teria sido, saca, muito legal, e acrescentado um pouquinho de mística à minha morte, mas porque talvez fosse uma boa maneira de levar mais pessoas a lerem o livro. Mas, do jeito que as coisas saíram, não tive tempo nenhum de me preparar e acabei deixando o exemplar em casa. Tenho que dizer, porém, que não recomendaria terminar esse romance no dia de Natal e, saca, num quartinho alugado, sem água quente, numa cidade onde você na verdade não conhece ninguém. Isso provavelmente não contribuiu pro meu bem-estar geral, se vocês me entendem, porque o final é bem deprê.

Enfim, o negócio é que as pessoas logo concluem que qualquer um circulando pelo norte de Londres numa porra de uma motoca na noite de Ano-Novo em troca de salário mínimo é claramente um fracasso, e quase com certeza alguém com uma vida que só pode acabar em pizza. Bom, tá certo, somos fracassos por definição, porque entregador de pizza é um emprego pra fracassados. Mas não somos todos uns imbecis. Na verdade, mesmo levando em conta Faulkner e Dickens, eu provavelmente era o mais burro entre todos os caras do trabalho, ou pelo menos o que tinha a pior formação. Lá a gente encontrava médicos africanos, advogados albaneses, químicos iraquianos... Eu era o único que não tinha diploma universitário. (Não entendo como é que não acontecem mais incidentes violentos relacionados a pizzas na nossa sociedade. Pensem só: o cara é top em qualquer coisa no Zimbábue, neurocirurgião ou sei lá o que, e aí vem pra Inglaterra porque o regime fascista do país quer comer o rabo dele, e

então acaba tendo que aguentar, às três da manhã, as gracinhas de algum adolescente filho da puta, chapado e com larica... Pô, vocês não acham que o cara devia ter direito, legalmente, de arrebentar a fuça do moleque?) Enfim. Tem mais de um jeito de ser um fracasso. E certamente mais de um jeito de se dar mal na vida.

Aí eu podia dizer que trabalhava entregando pizzas porque a Inglaterra é um saco, e as garotas inglesas, mais especificamente, são um saco, e que só conseguia subemprego, porque não sou inglês. Nem italiano, nem espanhol, nem mesmo a porra de um finlandês ou sei lá o quê. Então trabalhava com a única coisa que pude arranjar; o Ivan, lituano que era o dono da Casa Luigi, na Holloway Road, não estava nem aí que eu fosse de Chicago, e não de Helsinque. E outro jeito de explicar a parada é dizer que sempre pode dar merda, e que não há limites pra capacidade das pessoas de rastejar e se enfiar em lugares pequenos, escuros, claustrofóbicos e desprovidos de qualquer pingão de esperança.

O problema com a minha geração é que todos pensamos que somos umas porras de uns gênios. Produzir alguma coisa não basta pra gente, nem vender alguma coisa, ensinar alguma coisa, ou mesmo simplesmente fazer alguma coisa; precisamos **ser** alguma coisa. É nosso direito inalienável, como cidadãos do século XXI. Se a Christina Aguilera ou a Britney ou um babaca qualquer do *American Idol* podem ser alguma coisa, por que não eu? Cadê a minha fatia do bolo, pô? Tá, pois é, minha banda, a gente fazia os melhores shows já vistos em qualquer bar, e gravamos dois discos, que agradaram um monte de críticos e não muitas pessoas reais. Mas ter talento nunca é suficiente pra fazer a gente feliz, saca? Deveria, né, porque um talento é uma dádiva, e o certo seria a gente agradecer a Deus por isso, mas eu não. Eu simplesmente ficava puto por não ser bem pago pelo que fazia e por não estar na capa da *Rolling Stone*.

O Oscar Wilde certa vez disse que a vida real de uma pessoa é, quase sempre, aquela que ela não está vivendo. Pô, caralho, Oscar, acertou na mosca. Minha vida real era feita de um monte de shows como atração principal em Wembley e no Madison Square Garden, e ainda discos de

platina, e Grammys, e não era essa a vida que eu estava vivendo, o que talvez fosse a razão por que parecia que tudo bem me livrar dela. A vida que eu estava vivendo não me permitia ser, sei lá... ser quem eu pensava que era. Não me permitia nem mesmo ficar direito em pé. Parecia que eu estava descendo num túnel que se tornava cada vez mais estreito, e mais escuro, e que tivesse começado a verter água, e eu ali, todo curvado, e com uma parede de pedra na minha frente, quando as únicas ferramentas disponíveis eram minhas unhas. E talvez todo mundo se sinta assim, mas não é motivo pra aceitar. Enfim, na noite de Ano-Novo, eu tinha me enchido disso tudo. Minhas unhas não existiam mais, e a ponta dos meus dedos estava estropeada. Não conseguia mais cavar. A banda já era, então só me restava como meio de expressão dar o fora daquela minha vida irreal: ia voar de cima daquela porra de terraço feito o Super-Homem. Só que, claro, as coisas não aconteceram bem desse jeito.

Algumas pessoas mortas, pessoas que eram sensíveis demais pra continuar vivendo: Sylvia Plath, Van Gogh, Virginia Woolf, Jackson Pollock, Primo Levi, Kurt Cobain, claro. Algumas pessoas vivas: George W. Bush, Arnold Schwarzenegger, Osama bin Laden. Assinalem aquelas com quem vocês gostariam de sair pra beber, depois reparem se estão do lado dos mortos ou dos vivos. Ah, pode crer, vocês talvez digam que estou trapaceando, que tem uma ou duas pessoas faltando na minha lista dos vivos que seriam bem capazes de foder com meu argumento, uns poetas e músicos e tal. E podiam dizer também que Stálin e Hitler não foram lá essas maravilhas, e já não estão entre nós. Mas, enfim, me deem essa chance: vocês sabem do que estou falando. Pra pessoas sensíveis, é mais difícil continuar por aqui.

Pois foi chocante de verdade descobrir que a Maureen, a Jess e o Martin Sharp estavam ali, prestes a tomar o mesmo rumo de Van Gogh e cair fora deste mundo. (E, claro, valeu, já sei que o Vincent não se atirou do alto de um prédio no norte de Londres.) Uma mulher de meia-idade que parecia uma faxineira, uma adolescente lunática e gritona e o apresentador superbronzeado de um talk show... Aquilo não combinava.

O suicídio não foi feito para aquele tipo de gente. Foi inventado pra pessoas como a Virginia Woolf e o Nick Drake. E eu. Suicídio era pra ser um negócio descolado.

Ano-Novo é a noite dos fracassados sentimentais. Foi culpa do imbecil aqui. Claro que acabaria por encontrar lá em cima um bando de manés. Devia ter escolhido uma data mais fina — tipo 28 de março, o dia que a Virginia Woolf fez o caminho até o rio, ou o 25 de novembro do Nick Drake. Se, em datas como essas, tivesse mais alguém naquele terraço, provavelmente seriam almas gêmeas minhas, e não uns manés fodidos que, por algum motivo, tinham se convencido de que o final de um ano no calendário era, sei lá, significativo. Acontece simplesmente que, quando veio o pedido de entrega para aqueles apartamentos invadidos do Toppers' House, a oportunidade me pareceu boa demais pra ser desperdiçada. Meu plano era dar um rolê no terraço, sacar o lugar pra ir me acostumando, voltar pra entregar as pizzas e aí Mandar Ver.

E de repente lá estava eu com três potenciais suicidas devorando as pizzas que eu deveria entregar e olhando pra minha cara. Aparentemente esperavam que eu desse uma de Abraham Lincoln e discursasse sobre por que valia a pena que eles continuassem a viver sua vida estropiada e sem sentido. O que era irônico, sério, considerando que eu estava pouco me fodendo se eles iam pular ou não. Nunca tinha visto mais gordos, e nenhum deles me parecia capaz de contribuir grande coisa pra soma total das realizações humanas.

“Então”, falei. “Ótimo. Pizza. daquelas pequenas coisas que fazem bem numa noite como esta.” Raymond Carver, como vocês provavelmente sabem, mas era gastar saliva à toa com aquele pessoal.

“E agora, qual vai ser?”, a Jess disse.

“A gente come as pizzas.”

“E depois?”

“Vamos só dar mais uma meia hora, tá bom? Aí a gente vê qual é.” Não sei de onde veio aquilo. Por que meia hora? Era pra acontecer o quê, até lá?

“Todo mundo precisa de um intervalo. Parece que as coisas aqui em cima estavam tomando um rumo pouco digno. Trinta minutos? Fechou?”

Um por um eles deram de ombros, depois fizeram que sim, e voltamos a mastigar nossas pizzas em silêncio. Era a primeira vez que eu provava uma pizza do Ivan. Um troço intragável, talvez até venenoso.

“Porra nenhuma que eu vou ficar aqui meia hora sentada, olhando pra cara de merda de vocês”, a Jess falou.

“Foi o que você acabou de concordar em fazer”, o Martin lembrou pra ela.

“E daí?”

“Qual é a lógica de concordar em fazer alguma coisa e em seguida não fazer?”

“Nenhuma.” A Jess não pareceu incomodada por dar o braço a torcer.

“A coerência é o último refúgio dos sem imaginação”, falei. Wilde de novo. Não pude resistir.

A Jess me encarou.

“Ele está sendo gentil com você”, disse o Martin.

“Mas nada tem lógica nenhuma, né?”, retomou ela. “É por isso que a gente está aqui.”

Taí, aquele era um argumento filosófico bem interessante. O que a Jess estava dizendo era que, uma vez que a gente estava naquele terraço, todo mundo agora era anarquista. Não nos sujeitávamos mais a regras, nenhuma lei se aplicava ali. Podíamos estuprar e matar uns aos outros que ninguém daria a mínima.

“Pra viver fora da lei tem que ser honesto”, eu disse.

“Que porra significa isso?”, a Jess falou.

Eu, pra falar a verdade, nunca soube, saca, que porra significa essa frase. Não é minha, é do Bob Dylan, e sempre achei que soava bem. Mas aquela foi a primeira situação em que pude testar a ideia, e deu pra ver que não funcionava. A gente estava vivendo fora da lei ali, podia mentir adoidado e o quanto quisesse, e eu não tinha muita certeza de por que a gente não deveria fazer isso.

“Nada”, falei.

“Cala a boca então, ianque.”

E me calei. Restavam aproximadamente vinte e oito minutos do nosso intervalo.

JESS

Faz um tempão, quando eu tinha oito ou nove anos, vi na tevê um programa sobre a história dos Beatles. A Jen gostava dos Beatles, então foi ela que me fez ver, mas não liguei. (Só que provavelmente devo ter dito pra ela que ligava, sim. Provavelmente fiz a maior onda e enchi o saco dela.) Enfim, na hora que aparecia o Ringo entrando pra banda, dava, tipo, um arrepio na gente, porque ali fechou, ali estavam os quatro, prontos pra ir lá e virar a banda mais famosa da história. Bom, foi assim que me senti quando o JJ apareceu no terraço com as pizzas. Sei que vocês vão pensar ah, ela só está falando isso porque soa bacana, mas não é verdade. Na boa, eu saquei. Ajudou o fato de ele parecer um rockstar, com aquele cabelo e a jaqueta de couro e tudo mais, mas o que senti não tinha nada a ver com música; só quero dizer que estava claro que a gente precisava do JJ, e, quando ele pintou lá, as coisas pareceram se encaixar. Mas ele não era nenhum Ringo. Estava mais pra Paul. A Maureen era o Ringo, só que sem graça. Eu era o George, exceto por não ser tímida nem espirituosa. O Martin era o John, mas sem o talento e o jeito descolado. Pensando bem, talvez a gente estivesse mais pra outra banda de quatro integrantes.

Sei lá, apenas parecia que alguma coisa podia acontecer ali, alguma coisa interessante, e eu não conseguia entender por que continuávamos sentados comendo pizza. Aí falei, tipo, A gente devia conversar, e o Martin: Sobre o quê, nossas angústias? E ele fez uma cara pra dizer que, tipo, eu estava falando besteira, então chamei ele de puto, e aí a Maureen fez tsc, tsc e perguntou se por acaso eu falava aquelas coisas em casa (eu falo), então chamei ela de travadona, e o Martin me chamou de garotinha desagradável e idiota, aí cuspi nele, o que não devia ter feito e, aliás, é coisa que hoje em dia nem de longe me atrevo a fazer, e então ele ameaçou voar no meu pescoço, ao que o JJ reagiu se metendo entre nós dois, e pro

Martin não fez diferença, porque não acho que ele fosse mesmo me agredir, enquanto eu, quase com certeza absoluta, ia socar, morder e arranhar ele. Depois desse pequeno surto de atividade, a gente voltou a sentar, ofegante, bufando, odiando um ao outro por um tempo.

E aí, quando todo mundo estava se acalmando, o JJ disse alguma coisa tipo, Não entendi direito que mal pode ter a gente compartilhar a experiência de cada um aqui, só que falou isso de um jeito bem mais americano. E o Martin, tipo, Ora, e quem se interessa pela sua experiência? Experiência com entrega de pizzas? E o JJ retrucou, Bom, então que sejam as suas. Mas era tarde, e já estava claro que aquilo que ele tinha dito sobre compartilhar nossas experiências era por estar ali pelas mesmas razões de todo mundo. Aí falei, Você subiu aqui pra se atirar, né? E o JJ não disse nada, e o Martin e a Maureen olhando pra ele. E o Martin vira e diz, Você ia pular com as pizzas? Porque alguém deve estar esperando a entrega. Ainda que fosse só uma piada do Martin, tipo, o orgulho profissional do JJ tinha sido atingido, porque ele falou pra gente que só estava ali em cima pra fazer um reconhecimento da área, e que ia descer pra entregar as pizzas e só depois subir de volta. E eu disse: Pois agora a gente já comeu. E o Martin: Caramba, você não faz o tipo de quem pretende pular, e o JJ respondeu, Se vocês fazem o tipo, nem posso dizer que sinto muito por isso. Como vocês podem ver, o clima estava pesado.

Então tentei de novo. Ah, vamos lá, vamos conversar, falei. Ninguém precisa dividir as angústias. Só dizer, tipo, o nome e por que veio parar aqui. Talvez saia coisa interessante. A gente pode acabar aprendendo alguma coisa. Encontrando uma luz, sei lá. E tenho que admitir que, tipo, aquilo era parte de um plano meu. Meu plano era que eles me ajudassem a achar o Chas, e que o Chas e eu voltássemos, e aí eu me sentiria melhor.

Mas o pessoal me fez esperar, porque queriam que a Maureen falasse primeiro.

MAUREEN

Acho que me escolheram porque eu não tinha dito nada ainda, na verdade, nem batido de frente com ninguém. E também, talvez, porque eu fosse um mistério maior que os demais. O Martin parecia que todo mundo já conhecia dos jornais. E a Jess, Deus tenha piedade... Fazia só meia hora que a gente se conhecia, mas já era possível afirmar que aquela era uma garota problemática. Quanto ao JJ, de quem eu não sabia nada, intuía que talvez fosse gay, por causa do cabelo comprido e do sotaque americano. Tem uma porção de americanos gays, não é mesmo? Sei que não foram eles que inventaram isso de ser gay, porque dizem que foram os gregos. Mas foram os americanos que ajudaram a fazer virar moda outra vez. Com os gays aconteceu meio que a mesma coisa que com as Olimpíadas: desapareceram na Antiguidade e então, no século XX, voltaram. Enfim, eu não sabia nada sobre gays, então simplesmente imaginei que todos fossem infelizes e quisessem se matar. Mas eu... Não dava para alguém dizer o que quer que fosse sobre mim só de me ver, o que deixou os outros curiosos, acho.

Não me importei de falar, pois sabia que não precisava dizer muita coisa. Ninguém ali ia querer uma vida como a minha. Fiquei me perguntando se entenderiam como é que consegui aguentar tanto tempo quanto aguentei. É sempre a parte das idas ao banheiro que deprime as pessoas. Toda vez que tinha que fazer drama — para conseguir outra receita de antidepressivos, por exemplo — usava a parte das idas ao banheiro, a limpeza necessária quase todo dia. É engraçado, porque com isso estou acostumada. Não consigo me acostumar é com a ideia de que minha vida acabou, não tem sentido, é dura demais; nem me importo com a limpeza, na verdade. Mas é sempre ela que leva o médico a decidir pegar a caneta.

“Ah, tô ligada”, a Jess falou, quando terminei de contar. “Não tem nem o que pensar. Não desista de pular. Você só vai se arrepender.”

“Tem gente que consegue superar”, o Martin disse.

“Quem?”, retrucou a Jess.

“Uma mulher que foi no meu programa estava com o marido em coma há vinte e cinco anos.”

“E essa foi a recompensa, né? Aparecer no programa matinal de tevê?”

“Não. Foi um exemplo.”

“Um exemplo de quê?”

“De que é possível.”

“Mas por que é possível, isso você não diz, né?”

“Quem sabe porque ela amasse o cara.”

Eles falavam rápido, o Martin, a Jess e o JJ. Como personagens de novela, pá-pum. Como gente que sabe o que dizer. Eu nunca conseguiria falar rápido daquele jeito, não ali, pelo menos; o que fez me dar conta de que pouco falei nos últimos vinte anos. E de que a pessoa com quem mais falei era incapaz de responder.

“E o que tinha ali pra ser amado?”, a Jess estava dizendo. “O cara era um vegetal. E nem um vegetal acordado ele era. Era um vegetal em coma.”

“Não seria um vegetal se não estivesse em coma, certo?”, falou o Martin.

“Amo meu filho”, eu disse. Não queria que eles pensassem que não amava.

“Sim”, o Martin respondeu. “Claro que ama. Não foi nossa intenção dizer o contrário.”

“Você quer que a gente mate ele pra você?”, a Jess perguntou. “Vou lá e faço isso hoje à noite mesmo, se você quiser. Antes de me matar. Não me incomodo. Tanto faz. Ele não tem muito por que continuar vivo mesmo, né? Se pudesse falar, provavelmente ia me agradecer, o coitado.”

Meus olhos se encheram de lágrimas, e o JJ percebeu.

“Você tem problema, ô, retardada do c...?”, ele disse para a Jess. “Olha só o que você fez.”

“Foi... foi mal”, a Jess falou. “Foi só uma ideia.”

Mas não era por isso que eu estava chorando. Estava chorando porque tudo que eu queria no mundo, a única coisa que me faria querer continuar

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma longa queda"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).